



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE SOCIOLOGIA EM FORMAÇÃO: ORIENTAÇÃO DE UM PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JR. EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DA ZONA DA MATA MINEIRA

Ana Luiza Alves Fonseca ¹
Icaro Gabriel da Fonseca Engler ²

RESUMO

Este relato apresenta a experiência de uma professora de Sociologia em formação, bolsista do PIBID, na orientação de cinco estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da Zona da Mata Mineira, participantes do Projeto de Iniciação Científica Júnior (BIC Jr./FAPEMIG). O objetivo foi estimular a construção do pensamento científico e crítico, articulando conceitos sociológicos e práticas investigativas no contexto escolar. A metodologia envolveu encontros regulares, oficinas temáticas, leituras orientadas, produção coletiva e visitas ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, promovendo integração entre ensino básico e superior. O processo incluiu introdução à pesquisa científica, escolha e delimitação do tema, elaboração de instrumentos e análise inicial dos dados, com foco no protagonismo dos estudantes. O referencial teórico baseou-se em Paulo Freire, especialmente em Pedagogia da Autonomia, que defende a criação de condições para que o estudante construa o conhecimento de forma autônoma, e em Lev Vygotsky, particularmente no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que destaca o papel da mediação para potencializar aprendizagens. Os resultados indicaram maior interesse dos estudantes pelo ambiente acadêmico, capacidade ampliada de formular questões e refletir criticamente sobre a realidade escolar. Para a autora, a experiência fortaleceu habilidades de escuta ativa, mediação pedagógica e adaptação a diferentes ritmos de aprendizagem, reafirmando a importância do vínculo e do compromisso ético na docência. Conclui-se que a iniciação científica, conduzida de forma dialógica e participativa, contribui para o protagonismo juvenil, o desenvolvimento da criticidade e a formação docente, evidenciando o potencial transformador da escola pública.

Palavras-chave: Iniciação científica, PIBID, Paulo Freire, Vygotsky, Ensino médio.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa - UFV, ana.fonseca5@ufv.br;

² Coordenador do PIBID de Ciências Sociais, Orientador do Trabalho e Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa – MG, icaro.engler@ufv.br;





INTRODUÇÃO

Viver a docência em formação é um processo que vai muito além da sala de aula, perpassado principalmente pelos desafios cotidianos de significar o conhecimento de cada disciplina. Este relato, tem como objetivo compartilhar minha experiência vivenciada como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no acompanhamento de cinco estudantes bolsistas, matriculados nos Ensino Médio em uma escola pública, localizada na Zona da Mata Mineira, envolvidos em projeto de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (BICjr.)³.

A inserção da pesquisa científica na educação básica é uma estratégia relevante para formação e incentivo da vocação científica em alunos do Ensino Médio. Com esse propósito, o projeto de Iniciação Científica Júnior, juntamente com os Iniciantes à Docência (IDs) do PIBID, tem um papel fundamental na vivência prática da construção do pensamento científico crítico e conhecimento sociológico por meio da investigação empírica de um tema relevante no seu contexto escolar.

Durante todo o processo, o foco esteve na criação de condições que favorecessem o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos ativos na construção do conhecimento científico.

METODOLOGIA

O trabalho de orientação se constitui em práticas formativas contínuas, por meio de encontros previamente marcados, oficinas temáticas, atividades de leitura e produção coletiva. Além de visitas ao Departamento de Ciências Sociais (DCS) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde o objetivo era criar vínculo do Ensino Básico com o Ensino Superior.

³ O Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (BIC Jr.) é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).





As atividades foram construídas pelos bolsistas do PIBID com participação do professor de sociologia da escola e professores do DCS que se voluntariaram para receber os estudantes e orientá-los durante o período na universidade. O acompanhamento se deu desde as primeiras conversas sobre o que é pesquisa científica, Ciências Sociais e suas áreas, metodologias de pesquisa, até a parte que foi desenvolvida pelos alunos como definição do tema, delimitação do objeto, elaboração dos instrumentos de pesquisa. Durante esse processo, meu papel foi de facilitar, escutar, propor caminhos, acolher dúvidas e principalmente construir junto o projeto sempre prezando pelo protagonismo dos estudantes.

Foi fundamental criar um ambiente de confiança e pertencimento, em que os estudantes pudessem se ver como produtores de conhecimento e não apenas receptores. Como neste projeto participam apenas cinco estudantes, consigo entender melhor as particularidades de cada um e essa relação vem me ajudando não só no quesito do projeto mas também enxergar novos meios de me relacionar com as turmas destes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A orientação pedagógica realizada neste projeto foi sustentada, principalmente, pelos princípios da pedagogia freireana e pelos fundamentos da psicologia histórico-cultural de Lev Vygotsky. Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1996) defende que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para que o estudante o construa com autonomia, a partir de sua realidade e de suas experiências. Ao longo do processo de orientação, procurei aplicar esse princípio na prática, valorizando a escuta, o diálogo e o respeito ao tempo e ao modo de aprender de cada estudante.

Para Freire (1996), a formação docente precisa ser sensível, ética e comprometida com a transformação social, entendendo a educação como prática da liberdade. Essa perspectiva exigiu de mim, enquanto professora em formação, uma postura de constante autoavaliação: era necessário resistir à tentação de dar respostas prontas e, ao invés disso, propor perguntas, provocar o pensamento e construir caminhos junto aos estudantes, sem apagar suas vozes ou experiências.





Vygotsky (1998), por sua vez, contribui para compreender a orientação como mediação na construção de significados. Seu conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) revela a importância do outro (no caso, a figura da orientadora) como alguém que colabora com o desenvolvimento de capacidades que o estudante ainda não domina sozinho, mas pode alcançar com apoio. Nesse sentido, a orientação foi pensada como um processo ativo e dialógico, em que a aprendizagem acontecia na interação entre estudantes, IDs e professores da escola e da universidade.

Tanto Freire (1996) quanto Vygotsky (1998) afirmam a centralidade da interação e da linguagem no processo de aprendizagem. Por isso, o projeto foi estruturado a partir de rodas de conversa, oficinas, momentos de produção escrita e debates em grupo, criando um ambiente colaborativo, afetivo e intelectualmente desafiador. Esse espaço permitiu que os estudantes se reconhecessem como sujeitos do processo, com voz e poder de agência, e que eu, como professora em formação, compreendesse com mais profundidade a complexidade e a beleza do ato de educar.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Ao longo dos meses de acompanhamento, percebi transformações significativas tanto nos estudantes quanto em mim mesma. Acredito que, por parte dos estudantes, houve um interesse maior pelo ambiente acadêmico e em compreender a escola para além da rotina, como um espaço de investigação. Nas nossas reuniões eles expressam suas dúvidas, formulam hipóteses, elaboraram perguntas e pensam mais criticamente sobre o cotidiano escolar, desenvolvendo uma postura mais questionadora e autônoma.





Um dos desafios mais marcantes para mim foi aprender a mediar sem antecipar as respostas, permitindo que o processo de investigação científica emergisse dos próprios estudantes. Esse exercício de paciência e escuta tem se configurado como um espaço fundamental de formação docente, pois ensinar implica compreender e respeitar o processo de aprendizagem do outro. No entanto, a parte mais difícil desse percurso foi lidar com a sobrecarga emocional e pedagógica, especialmente nos momentos em que os estudantes demonstravam desânimo com o projeto e esperavam que eu encontrasse sozinha as soluções para os problemas. Essa experiência me fez refletir sobre os limites e as possibilidades do papel docente, evidenciando que orientar exige tanto empatia e apoio quanto firmeza para manter o foco no desenvolvimento da autonomia discente.

A experiência reafirmou a importância do vínculo e da confiança na relação educativa. A iniciação científica mostrou-se um espaço potente para o desenvolvimento da criticidade e do protagonismo juvenil, fortalecendo o papel da escola pública como ambiente de produção de conhecimento e emancipação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de orientar estudantes do ensino médio em um projeto de iniciação científica foi, sem dúvidas, um dos momentos mais significativos da minha trajetória como professora em formação. O que poderia ser apenas uma atividade pontual se transformou em um espaço formativo profundo, tanto para os estudantes quanto para mim, de um espaço de aprendizagem mútua.

A cada encontro, fui desafiada a exercer a escuta ativa, a respeitar o tempo do outro, a propor caminhos sem impor respostas, a repensar minhas estratégias de mediação. Foi nesse processo que compreendi, na prática, que ser professora não é apenas dominar um conteúdo, mas sobretudo estar disposta a construir saberes com os estudantes, com empatia, ética e compromisso com a formação integral.

Os vínculos criados ao longo do projeto me mostraram que a educação se faz na relação. E que a pesquisa pode ser, sim, uma ferramenta poderosa para despertar o interesse, a criticidade e o protagonismo dos jovens, desde que o processo seja conduzido com sensibilidade, cuidado e respeito à autonomia dos sujeitos.





Essa vivência reafirma meu desejo de seguir na docência e fortalece minha convicção de que a escola pública é um espaço de potência, transformação e esperança. Ser professora em formação é, também, estar em constante formação. E essa jornada, iniciada com os estudantes do BIC Júnior, deixará marcas permanentes no meu caminho como educadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Ícaro Engler, coordenador de área do PIBID, pelo suporte constante e pela contribuição fundamental na minha formação.

Ao professor Bartomélio Martins, docente de Sociologia da escola, pelo carinho, atenção e acolhimento no cotidiano escolar.

À vice-diretora Corina Monteiro e ao diretor Fabiano Lima, pelo suporte e pela liberdade concedida para o desenvolvimento das atividades do projeto.

Aos meus colegas de PIBID, pela parceria, pelas trocas de experiências e pelas conversas que tornam o dia a dia mais leve e enriquecedor.

E, principalmente, aos estudantes do BIC Jr., pela dedicação, confiança, carinho e pelos aprendizados que compartilhamos ao longo do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOSTKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

